

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

**A GEOGRAFIA E A PSICOLOGIA: APROXIMAÇÕES ATRAVÉS DO USO DA ASSOCIAÇÃO LIVRE
PARA O ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

Rozalia Brandão Torres

Boletim Gaúcho de Geografia, 34: 57-76, maio, 2009.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37428/24174>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 2009

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

A GEOGRAFIA E A PSICOLOGIA: APROXIMAÇÕES ATRAVÉS DO USO DA ASSOCIAÇÃO LIVRE PARA O ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Rozalia Brandão Torres¹

Resumo

Há aproximações possíveis entre a Geografia e a Psicologia para a análise das Representações Sociais, a partir do uso de uma técnica psicanalítica, a associação livre, na qual acadêmicos do curso de Geografia da UCS foram levados a expressarem suas primeiras ideias acerca da Geografia, o que lhes remete ao que esta ciência estuda.

Palavras-chave: Representação Social - associação livre - Geografia - Psicologia

GEOGRAPHY AND PSYCHOLOGY: APPROACHES THROUGH THE USE OF THE FREE ASSOCIATION FOR THE STUDY OF THE SOCIAL REPRESENTATIONS

Abstract

There are possible approaches between Geography and Psychology for the analysis of the Social Representations, from the use of one psicanalitical technique, free association, in which academics of the UCS Geography course had been led to express their first ideas concerning Geography, what comes to their minds to them and what this science studies.

Keywords: Social representation - free association - Geography - Psychology

Neste ensaio busca-se refletir sobre alguns *links* possíveis entre duas ciências, a Psicologia e a Geografia². A seguir, será traçado um breve esboço

¹ Professora da Universidade de Caxias/CARVI, Coordenadora do Pós-Graduação *Lato Sensu* em Geografia e Educação; doutoranda em Geografia/UFRGS. Correio eletrônico: zaiazinn@gmail.com

² Não se deve confundir a relação entre duas ciências, Psicologia e Geografia, com Psicogeografia, pensada a partir da perspectiva de análise do espaço urbano.

A Psicogeografia foi adotada pelo movimento artístico letrista em meados dos anos 1950, na Europa, transformando-se em um programa sistemático de exploração do sítio urbano pelos situacionistas - nome dado aos membros deste movimento artístico -, cujo expoente foi Guy Debord, que em seu artigo publicado no jornal surrealista belga *Les lèvres nues*, de 06 de setembro de 1955 explica a acepção deste termo. Psicogeografia foi sugerido por Kabyte para designar o conjunto de fenômenos investigados à época, como o estudo de leis precisas e seus exatos efeitos no meio geográfico, conscientemente organizado ou não, em virtude da influência direta sobre o comportamento afetivo dos sujeitos. Em sua origem esteve ligada a uma investigação psicológica dos ambientes das cidades, especialmente na exploração urbana através de caminhadas à deriva.

Há relatos de caminhadas à deriva utilizando-se de mapa de outra cidade! No Brasil, existem grupos de Psicogeografia em Curitiba/PR e Bauru/SP.

acerca do conceito de Representações Sociais. Apresenta-se como método de análise para as representações, a associação livre, uma técnica da teoria psicanalítica. Objetiva-se com este ensaio discorrer sobre as Representações Sociais que os acadêmicos do curso de Geografia da Universidade de Caxias do Sul (UCS), do Campus Universitário da Região dos Vinhedos (CARVI), no município de Bento Gonçalves/RS, possuem sobre a Geografia.

O universo da pesquisa foi composto por 55 acadêmicos que foram convidados a manifestar suas primeiras expressões sobre o que compreendem por Geografia. Os entrevistados estavam, à época, cursando diferentes semestres entre o início e o final da grade curricular. Após breve aporte teórico, analisam-se as concepções presentes neste grupo de acadêmicos.

Este artigo possui como estrutura uma revisão bibliográfica sobre Representações Sociais e sobre a técnica da associação livre. A seguir, analisa-se o instrumento qualitativo aplicado aos acadêmicos, no qual deveriam escrever no mínimo três e no máximo cinco palavras ou expressões que lhes reportassem ao que compreendem por Geografia. Este instrumento foi aplicado ao longo do primeiro semestre de 2008 e foi analisado no semestre seguinte.

Parte-se do método de análise das lembranças, através de questionamento destas para o estudo das representações sociais dos acadêmicos sobre Geografia. A associação livre é produto de uma palavra instigada, através de um questionamento, que pode ser: “quais são as palavras ou expressões que em um primeiro momento lhe vêm à mente quando você ouve/pensa a palavra Geografia?”

Não é intenção da autora, neste trabalho, exaurir a complexidade posta nesta discussão, uma vez que se trata de um ensaio inicial, fruto de um experimento que busca estabelecer uma associação entre as ciências, entendida como saudável à contribuição e ao entendimento das razões que levam os pesquisadores a investigar as representações sociais, que entre outras aplicabilidades, asseguram um maior conhecimento da forma de pensar e de expressão de um grupo social, sua dinâmica, podendo, portanto, ser utilizada para promover melhorias sociais.

Da Psicologia à Geografia

A Psicologia contribui com a Geografia uma vez que nenhuma ciência abarca todos os fenômenos, sendo necessárias relações entre as áreas, e o que aqui se busca é especular sobre alguns destes pontos de tangenciamento. Ambas, Geografia e Psicologia, se ocupam de pesquisar o homem em sua relação com o meio, privilegiando a primeira uma perspectiva espaço-temporal em sua análise, enquanto a segunda procura compreender a psique humana e a partir desta, como o sujeito interage com o meio. Assim, tanto

uma quanto outra, se ocupam das manifestações intersubjetivas de uma dada sociedade, mantendo suas respectivas especificidades.

No século XIX, têm-se os primeiros trabalhos que buscam uma relação entre a Psicologia e a Geografia. Os processos psicológicos eram analisados a partir da relação natureza *versus* sociedade. Ritter considerava que o meio natural era determinante do desenvolvimento da personalidade dos povos, no entanto Ratzel, à mesma época, considerava as questões psicológicas ao referir-se à natureza como responsável pela forte influência sobre a psicologia, inicialmente individual e, a seguir, coletivamente. (MORAES, 1986)

No século seguinte, Max Sorre vale-se da expressão Geografia Psicológica ao refletir sobre as correlações entre o meio natural e as funções mentais do sujeito. Hodiernamente, as perspectivas da Geografia da Percepção e da Geografia Cultural abordam conceitos como percepção, identidade, representações, imagens, dimensão simbólica, signos, isto é, “os processos psíquicos de instauração de sentido da realidade” (PELUSO, 2003, p. 323). Atualmente, os estudos dizem respeito às estruturas psicológicas complexas, como tempo de duração e transformações, seja no espaço, seja no tempo.

A associação livre enquanto técnica para o estudo das Representações Sociais

A associação livre caracteriza-se por ser um método amplamente utilizado na Psicanálise em seus primórdios (BLEICHMAR & BLEICHMAR, 1992). Iniciou-se no século XIX, com o psicólogo inglês Galton. Em seus experimentos com pacientes, Galton pronunciava uma determinada palavra e o paciente deveria expressar verbalmente o que primeiro lhe viesse à mente, isto é, a ideia que representava aquela palavra recentemente pronunciada. Ela era anotada, e depois Galton em conjunto com o paciente buscava as relações entre elas.

[...] consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que ocorrem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea (LAPLANCHE e PONTALIS, 2004, p. 38).

A associação livre foi desenvolvida e utilizada na técnica psicanalítica, aperfeiçoada por Sigmund Freud, considerado o pai da Psicanálise, que se constituiu a primeira escola de Psicologia. Freud abandonou a hipnose e simultaneamente descobriu o significado dos sonhos. Passou a adotar o método de livre associação de ideias entre os anos de 1892 e 1898, sendo vastamente utilizado em seu famoso caso do tratamento com a paciente Ana O, que denominava tal procedimento como “limpeza da chaminé”. Freud

passa a considerar este método como a regra fundamental para o tratamento psicanalítico, sendo o próprio paciente quem conduz a relação entre as palavras e os símbolos oníricos. O respeito a esta regra assegura a emergência das representações inconscientes, atualizando os mecanismos de defesa do sujeito.

A associação livre é considerada uma vez que o desencadeamento das associações não é orientado ou controlado por alguma intenção seletiva. No caso em questão, o acadêmico possuía ampla liberdade em escrever aquilo que primeiramente lhe ocorresse, sem interferência externa, ou ainda algum ponto de partida, apenas o próprio questionamento sobre Geografia. É senso comum dizer que *“o método das associações livres destina-se a pôr em evidência uma ordem determinada do inconsciente”*. (LAPLANCHE E PONTALIS, 2004, p. 39)

Jung, em 1904, influenciado pelos métodos de Galton e o psicanalítico freudiano, concebe o que vem a ser reconhecido como o primeiro teste projetivo em Psicologia. O teste de associações de palavras consiste em o pesquisador ler um quadro com uma centena de palavras e o paciente respondê-las imediatamente, uma a uma, com apenas outra palavra que lhe viesse à mente, o mais breve possível, o que colaborou para o desenvolvimento de sua teoria dos oito tipos psicológicos³.

Entretanto, estes testes formulados por Jung o levaram ao conceito de inconsciente coletivo, isto é, o conjunto de informações presentes no inconsciente dos sujeitos, a herança mnemônica da humanidade. Estas ideias originaram o conceito de arquétipos, símbolos emocionais que são imagens comuns que as pessoas possuem e que estão formadas desde a origem dos tempos, sendo, por conseguinte, transpessoais.

[...] das reações emocionais de nossos ancestrais a eventos que se repetem continuamente (...), [sendo que a] existência desses arquétipos ou padrões emocionais predispõe-nos a reagir de maneira previsível a estímulos comuns e recorrentes. (FRIEDMAN & SCHUSTACK, 2004, p. 119)

Exemplificando, o arquétipo mágico é comumente representado pelo feiticeiro, mago ou vidente; a mãe, pela avó sábia ou Virgem Maria; o herói é representado pelo vencedor, salvador, entre tantos outros arquétipos estudados por Jung.

O conceito de inconsciente coletivo não é sinônimo do de Representação Social, contudo são as representações que estão presentes nos arquétipos, razão pela qual são denominadas de “social”, ou seja, são

³ Os tipos psicológicos de Jung dividem-se em dois grandes grupos, extrovertido e introvertido, combinados com as funções pensamento, sentimento, sensação e intuição.

representações construídas socialmente, no quais uma parcela da sociedade possui um conjunto de ideias comuns sobre um mesmo tema.

A associação expressa pela linguagem na análise das Representações Sociais

Na Psicologia pós-freudiana, a linguagem é um elemento de análise na psicoterapia proposta por Lacan, que se baseou na linguística de Saussure, na dialética de Hegel, na antropologia de Lévi-Strauss e na lógica de B. Russel. Lacan acreditava que o inconsciente se estruturava como linguagem e esta circunscrevia o sentido, formando as estruturas mentais.

Para Lacan, a psicanálise não se caracteriza como ciência, tampouco como uma visão de mundo ou ainda uma filosofia que busca elucidar a chave do universo, mas como uma prática, na qual através do método da livre associação é provável que se chegue ao núcleo do seu ser. É por meio da fala do paciente que Lacan, dá primazia ao significante, desvelando o conteúdo manifestado pela linguagem, ou seja, reconhece um significado e um significante. Não é a palavra em si, o significado, mas o que ela representa, o significante, que interessa a Lacan. Este acolhe os dois tipos de ordenamentos dos signos proposto por Saussure, isto é, a concatenação (metáfora) e a substituição de um signo por outro (metonímia). O processo metafórico concebe sentido, ao passo que na metonímia um significante substitui outro, por contiguidade. (BLEICHMAR & BLEICHMAR, 1992)

Buscando um entendimento mais claro, aborda-se a análise da linguagem, que na Psicologia pós-freudiana caracteriza-se por tratar-se de um elemento de análise na psicoterapia proposta por Lacan que crê que o inconsciente se estrutura como linguagem e esta circunscreve o sentido, formando as estruturas mentais.

É a metonímia que mais se apresenta na pesquisa realizada, uma vez que não se buscou outro significado, mas palavras que lhes remetiam aquilo que se investigou, apesar de que pela imprecisão conceitual, possa-se, sim, dar outro sentido que o original, apesar de não ser a intenção do entrevistando. Exemplificando, quando se fala em Geografia, as palavras mais lembradas são universo e correlatos, como planetas e cometas, para alunos do primeiro semestre; mundo e mapas, com seus correlatos, globo, rosa-dos-ventos, para os alunos do quinto semestre; região, ambiente e sociedade, para alunos do sexto semestre; para os do sétimo, apareceram as palavras mundo, homem/pessoas/população e meio ambiente. Em todos semestres pesquisados, outras palavras foram lembradas, entretanto sem maior representatividade.

O que é possível de se analisar neste exemplo está no semestre em que os alunos se encontram e o que fortemente lhes vem à mente, ou seja, para

os alunos do primeiro semestre, que possuem em sua grade curricular disciplinas como Geografia Física que introduz em seu componente curricular o estudo do Universo, as expressões fortemente linkadas à Geografia foram justamente as que remetem à astronomia. Já, para os alunos do quinto semestre em diante e que já cursaram mais de 60 créditos, as palavras se encontram mais diluídas, mas de qualquer forma, ainda muito incipientes no que tange ao estudo da Geografia. O que fica evidente neste conjunto de respostas é a forte relação entre Geografia e Cartografia, ou ainda, o que muito marcou o estudo da Geografia, a utilização de mapas e globos.

Na análise das representações sociais, a linguagem e não a fala, o discurso, enquanto forma genuína de expressão eminentemente humana, é privilegiada por alguns autores como Farr (1995), Jovchelovitch (1995) e Foucault (1985). A linguagem é um dos mais aprimorados elementos da evolução humana, compreendida como uma característica que distingue os homens de outras espécies. A linguagem é social, se evidencia como um dos mecanismos de transformação do homem em ser social, é importante como procedência das representações sociais, uma apropriação das construções sociais, vivenciadas no processo de socialização.

A linguagem cumpre um poder representativo que é revelado por signos, consequência das palavras. A questão passa a ser das identidades e das diferenças. Pode-se dizer que o conhecimento é adquirido através da comparação entre duas ou mais coisas entre si. Todavia, para Foucault (*op. cit.*), o conhecimento válido é resultado de intuição, por meio da inteligência e dedução que se reúnem às evidências entre si.

É importante como Foucault analisa distintos objetos. O signo pressupõe uma representação e só se constitui a partir do ato do (re)conhecimento desta; contém duas ideias: a coisa que representa, e a representada. A natureza disto resulta no estímulo da primeira - a coisa que representa - pela segunda - a coisa representada. A condição para que seja binário (representante e representado) dá-se pela conjuntura de manifestar aquilo que significa. É imperioso que represente, todavia esta conjuntura deve achar-se representada nele. Há três termos: a ideia significada, a ideia significante e, em seu interior, a ideia de seu papel de representação, ou seja, a ideia representada.

Contextualizando, a ideia significada diz respeito à Geografia; a ideia significante une-se ao que remete à representação de Geografia; e a ideia de seu papel de representação conduz à compreensão/visão/representação social que os sujeitos envolvidos no processo possuem acerca da ciência geográfica.

A linguagem possui função - a percepção -, a representação enquanto signo. Destarte, a representação se dá a partir da percepção dos objetos; não se trata de um fenômeno cognitivo, uma vez que não envolve um processo

operacional, não há alteração no mundo dos objetos. Contudo é um processo irreversível, supersomativo, cumulativo.

Uma dada representação social se caracteriza por uma forma de saber prático que liga um sujeito a um objeto. No que tange ao objeto, pode ser de natureza múltipla, social, material ou ideal. Uma representação relaciona-se com a simbolização e a interpretação, está no seu lugar e confere-lhe significados, respectivamente. É o mesmo que dizer que uma representação é uma composição e uma expressão do sujeito, considerada sobre a perspectiva epistemológica ou psicodinâmica, igualmente social ou coletiva, devendo-se ponderar em sua análise o pertencimento e a participação, seja social, seja cultural do sujeito, posto que a representação se apresente como um arquétipo do objeto, podendo ser alcançada em diferentes suportes linguísticos, comportamentais ou materiais (JODELET, 1989).

Neste ínterim, a opção é pela análise da linguagem, via associação livre, já que há o entendimento de que o simbolismo que se apresenta nesta técnica ainda tem muito a ser explorado pelas representações sociais, haja vista que emanam de construções imagético-simbólicas, socialmente construídas.

As representações sociais se caracterizam por elementos simbólicos expressados pelos sujeitos por meio do uso de palavras e gestos (FRANCO, 2004). No uso de palavras, valendo-se da linguagem oral ou escrita, os sujeitos fazem referência ao que pensam, como percebem esta ou aquela situação, quais julgamentos constroem sobre determinado fato ou objeto, que expectativas desenvolvem a respeito disto ou daquilo..., e assim sucessivamente. Essas mensagens, mediadas pela linguagem, estabelecem-se socialmente e estão apoiadas no domínio da situação real e concreta dos sujeitos que as emitem.

Deste modo, para estudá-las, primeiramente, é mister apreciar o contexto em que tais sujeitos inserem-se mediante a realização de uma prudente análise contextual. Destarte, as representações sociais historicamente são construídas e estreitamente atreladas aos múltiplos grupos sociais, econômicos, culturais e étnicos que as expressam por meio de mensagens, e que se refletem em diversos atos e nas numerosas práticas sociais.

Há de se considerar que as representações sociais, muitas vezes idealizadas a partir da dispersão de mensagens e percepções oriundas do senso comum, sempre exprimem as condições contextuais dos sujeitos que as elaboram, suas condições socioeconômicas e culturais. Daí a relevância em conhecer os emitentes não apenas no que tange às suas condições de subsistência ou de suas situações educacional ou ocupacional. É fundamental aumentar esse conhecimento para melhor compreensão de um ser histórico,

incrustado em uma dada realidade sóciofamiliar, pois apresenta expectativas diversas, dificuldades vivenciadas e diferentes níveis de apreensão crítica da realidade.

Ao falar-se em representações sociais, parte-se de outras premissas. Acredita-se que as representações sociais sejam construções mentais içadas socialmente, a partir da dinâmica que se compõe entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento deste. A relação dá-se na prática social e histórica da humanidade generalizada pela linguagem. A ruptura com a dicotomia entre objeto e sujeito do conhecimento, que atribui consistência epistemológica à teoria das representações sociais, conduz à conclusão de que o objeto pensado e falado é fruto da atividade humana, uma cópia fiel interiorizada da ação.

As representações sociais são condutas em miniatura (FRANCO, 2004), razão pela qual se atribui um benefício preditivo, posto que, conforme o que um sujeito diz, não apenas é possível concluir suas concepções de mundo, como ainda pode-se subtrair sua orientação à ação. Isso rege a percepção das representações sociais como efetivos indicadores que se traduzem na prática diária. Não obstante de sua importância, há requisitos que devem ser refletidos sob máxima atenção quanto ao estudo das representações sociais. Estas possuem sentido como conhecimento prático, que congrega temas ao admitir a forma como são construídas e adquiridas e como se constroem e são adquiridos os conceitos (RANGEL, 2007).

Consequentemente, refletindo a relação entre Psicologia e Geografia, recorre-se a um conceito advindo da Psicologia Social - as Representações Sociais -, sua análise no que tange à Geografia é dada a partir da associação livre, uma técnica psicanalítica, conforme já mencionado neste trabalho.

Representações Sociais e Geografia

Serge Moscovici, na década de 1960, desenvolveu na Psicologia Social o conceito de Representação Social que hoje é utilizado em inúmeras ciências, entre elas a Geografia.

No que tange ao conceito de Representação Social, a primeira referência que se tem vem de Émile Durkheim que o explicitou, ainda que o denominasse de representação coletiva, enquanto uma referência a categorias do pensamento que não são dadas *a priori*, na qual uma dada sociedade elabora e expressa uma determinada realidade. Estas categorias do pensamento não são universais no plano consciente, pois, segundo Durkheim, estão vinculadas inicialmente aos fatos sociais⁴, que se transformam nos

⁴ Para Durkheim, os fatos sociais são conceituados como os modos de pensar, sentir e agir de um dado grupo social e estão presentes na mente do indivíduo. Há três características que não se excluem para que tenha, uma determinada sociedade, um fato social. Ele deverá ser geral, isto é, estar presente a todos os membros da

próprios fatos sociais. Assim, as representações são dotadas de fenômenos reais, com forma e propriedades específicas, que se expressam no seio da sociedade (MINAYO, 1995).

Além de Moscovici (1989), considerado o pai da Teoria das Representações Sociais, ocuparam-se em analisá-la Foucault (1985), Jodelet (1989), Jovchelovitch (1995), Minayo (1995), Farr (1995) e Sá (2002), que hoje inspiram novos estudiosos.

Moscovici ao dar preferência à escolha de um ancestral dá ênfase à continuidade entre o passado e o presente (FARR, 1995). Hoje as sociedades modernas complexas como as sociedades industriais caracterizam-se pela pluralidade e agilidade com que as alterações econômicas, políticas, culturais e sobretudo sociais se dão. Assim, é mais adequado falar-se em representações sociais, o que por si só dá a noção de um progresso do pensamento sobre o processo de construção do imaginário social (MOSCOVICI, 1989).

Esta teoria busca explicar as contradições na relação indivíduo-sociedade e como essa relação se constrói, é o que desenvolve Jovchelovitch (1995), que considera as representações sociais um fenômeno psicossocial, mediador entre sujeito e sociedade, que obrigatoriamente estão radicadas no espaço público. Surgem a partir da atividade e relação com os demais. Permitem mediação entre sujeito e mundo que simultaneamente descobre e constrói; permitem ainda a existência de símbolos que nela se encontram, produzindo uma leitura/visão de mundo. Assim, a análise das representações sociais centra-se nos processos de comunicação e vida que estão engendrados e confere-lhe uma estrutura peculiar, "*processos de mediação social*", e, neste sentido, são estes que produzem as representações. Assim são estratégias desenvolvidas por sujeitos sociais no intuito de encarar a diversidade e a mobilidade do mundo em que estão inseridos, transcendendo a cada um dos sujeitos.

As representações reconhecem-se como fenômenos psicossociológicos dependentes histórica e culturalmente, o que se dá fundamentalmente nos níveis das análises posicional, ideológica, intrapessoal e interpessoal, uma vez que as representações sociais, como diz Farr, estão na cultura e na cognição, circulam através da comunicação social diária e diferem segundo os conjuntos sociais que as elaboram e as utilizam. Consequentemente, a pesquisa empírica sobre as representações sociais não produz resultados aplicáveis ou generalizáveis a outros contextos (SÁ, 2002), haja vista que dizem respeito às

sociedade analisada, exteriores, ou seja, independentes do que pensem ou queiram os membros da sociedade e coercitivos, isto é, exercem um poder coercitivo sobre determinada sociedade. São clássicos os exemplos do suicídio e da religião, estudados por Durkheim.

subjetivações dos sujeitos oriundas de um imaginário social, de uma relação com o espaço vivido.

Representações sociais para Moscovici se caracterizam por serem

[...] um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum. (SÁ, 2002, p. 31)

Isto se apresenta em inúmeras respostas às questões solicitadas junto ao grupo de acadêmicos, como as menções a universo, mapas, mundo e espaço como representantes de Geografia, por exemplo.

A similaridade está ao lado da imaginação, surge em pretexto da imaginação e se exerce quando nela se apoia. Na representação, as impressões por mais ingênuas que sejam e se não houvesse o menor grau de semelhança entre elas, não haveria a menor chance para que a imaginação lembrasse a semelhança, marcando, portanto, sua representação no imaginário. Se não se verificasse esta relação entre semelhança e imaginação, haveria impressões que se sucederiam na total diferença, não sendo percebidas, já que uma representação não teria momento de estabelecer-se em um lugar, de ressurgir entre outra mais antiga, justapondo-se a ela, dando lugar à comparação. A sutil identidade indispensável a qualquer diferenciação sequer dar-se-ia.

As representações sociais podem ser analisadas como uma expressão autêntica no interior da individualidade e, uma expressão exterior do afeto, desvendando o poder de criação e transformação da realidade social (JODELET, 1989). Portanto, as representações sociais são estudadas considerando a articulação dos elementos afetivos, mentais, sociais, integrando-se com a cognição, a linguagem e a comunicação junto às relações sociais que afetam as representações e as realidades: material, social e ideativa, nas quais intervêm. É o mesmo que dizer que as representações são assimiladas a partir de um campo social estruturado.

Neste contexto, é prudente resgatar o conceito de representações sociais desenvolvido por Moscovici (1989) no qual sujeito e sociedade se cruzam. Jodelet pondera sobre *“a ideia de que a sociedade fala, mas o indivíduo emite o discurso, permite-se pensar o subjetivo/individual e voltar ao campo do geral e do objetivo, num movimento dialético muito produtivo”* (PELUSO, 2003, p. 323). Em Moscovici (1989), as sociedades modernas, complexas como as sociedades industriais, são caracterizadas pela pluralidade e rapidez com que se dão as alterações econômicas, políticas, culturais e sociais.

É mais adequado se falar em Representação Social, o que por si só dá a noção de uma evolução do pensamento acerca do processo de construção do ideário social. Este conceito permeia três dimensões estruturais:

- 1) a informação que diz respeito à ordenação dos conhecimentos que determinado grupo apresenta no tocante a um objeto social;
- 2) a atitude que focaliza a orientação global no que tange ao objeto da representação social;
- 3) o campo de representação ou ideia de imagem, o modelo social, o conteúdo concreto e limitado das sugestões no que tange ao aspecto preciso de objeto da representação.

Para Moscovici, o conceito de representação social compreende como um conjunto de outros conceitos, proposições e explicações impressos na vida cotidiana no decorrer da comunicação interindividual. Ele propõe superar os modelos que abarcam as representações sociais como simples variáveis intermediárias entre o estímulo e a resposta, para ponderá-las como variáveis independentes que estão na origem das respostas comportamentais e na forma como são percebidos os estímulos.

A representação social é entendida como constructo de um objeto e expressão de um sujeito. Possui forte ressonância social, já que se trata de *“uma modalidade de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”*. (JODELET, 1989, p. 36)

As representações sociais para Moscovici não se sustentam apenas de teorias científicas, todavia de grandes eixos culturais, ideologias formalizadas, experiências e comunicações cotidianas. Dois são os processos principais responsáveis pela formulação do pensamento social: a objetivação e a ancoragem.

A primeira ocorre do processo de formação de um todo coerente por meio da seleção e descontextualização do objeto. Em um segundo momento, o da esquematização estruturante, objetiva formar um esboço ou nó figurativo admitindo organizar um padrão de relações estruturadas nos elementos fundamentais do objeto de representação. O processo de objetivação termina com a naturalização dos padrões de relações que passam a ser encarados como reais e materialmente exatos, e ainda como categorias naturais, descritivas, por conseguinte explicativas e normativas, fazendo desta forma equivaler o conceito à realidade.

No que diz respeito à ancoragem, pode preceder ou seguir o processo de objetivação, servindo, no primeiro caso, para compor as novas informações em categorias que o sujeito já possui de experiências anteriores, ou, em outra hipótese, conferir sentido aos acontecimentos, comportamentos, pessoas, grupos ou fatos sociais que demonstrem e formem as relações sociais.

A representação social é mais do que um estereótipo, sendo que este compõe uma respeitável parcela da representação social, conforme desenvolve Baptista. É ainda considerada como uma elaboração teórica de relevante magnitude, qualificadas de locais devido ao fato do seu domínio de explicação e ponto de aplicação ser reiteradamente muito limitados.

As representações sociais reportam-se inevitavelmente às pertencas sociais do sujeito, às suas formas de comunicação, à sua funcionalidade e eficácia social. Deste modo, não são apenas reprodução mental da realidade externa do sujeito, isto é, sua cognição social. Contudo, passam a carregar a realidade contraindo foros de compacidade ontológica, orientando as cognições e os comportamentos dos sujeitos.

Conforme desenvolvido por Baptista, a cognição social não deve ser compreendida como sinônimo de pensamento social. Apesar das desejáveis articulações, diz respeito a duas perspectivas distintas no âmbito da Psicologia Social. Os conteúdos não são frequentemente relevantes nas teorias da cognição social, já que buscam reconhecer processos universais e internos através dos quais se compõe o conhecimento, havendo tendência, muitas vezes, a prescindir das emoções e constituir uma teoria molecular pela descrição de processos e estruturas simples.

A representação social é um conceito central para as teorias do pensamento social, no qual busca-se conhecer os contextos históricos, culturais e ideológicos cujos conteúdos são valorizados e articulados aos processos; é dado um valor central aos processos de interação na formação do pensamento do senso comum, no qual se articulam os planos cognitivo, avaliativo e emocional e o pensamento social passa a ser entendido como ingênuo, considerando que a totalidade não se obtém por um simples somatório de partes.

As representações sociais desenvolvem-se a partir de quadros de apreensão que geram os valores, as ideologias e os sistemas de categorias sociais partilhados por diferentes grupos sociais; uma vez que formam e andam através da comunicação social; e, por fim, porque revelam as relações sociais em igual tempo que contribuem para a sua produção.

As representações sociais são determinadas enquanto tipo de pensamento social, mediado por uma proporção afetiva. Estabelece-se como uma organização, uma estrutura atravessada por inúmeras dimensões. Desde que os sujeitos forneçam um julgamento do objeto de representação, ou ainda de alguns de seus aspectos, é razoável afirmar que uma dimensão afetiva é acionada em seu raciocínio, como, por exemplo, gosto disto ou detesto aquilo (CAMPOS & ROUQUETTE, 2003).

Dois critérios são considerados para constituir o conceito de representação social: o quantitativo e o genético. Toda a representação social

é dividida por um conjunto de sujeitos e é coletivamente determinada, fruto da atividade cognitiva e simbólica de um dado grupo social. Assim é o caso do estereótipo, forma um conjunto de crenças, teorias e visões de um ou vários grupos sociais sobre o seu objeto de estereotipia. Do ponto de vista genético, os estereótipos emergem como representações sociais divididas que refletem e possuem origem em projetos, problemas e estratégias de grupos sociais. Os estereótipos possuem como função formar e orientar a comunicação e os comportamentos.

As representações sociais, quando emergem sob a forma de estereótipos sociais, se caracterizam como teorias sociais práticas, saber prático, organizadores de relações simbólicas entre os sujeitos sociais. Trata-se, contudo, de dois conceitos distintos, pois remetem a dois níveis de abordagem cujo grau de generalidade os distingue: se os estereótipos sociais podem ser encarados como formas de representação social, não se verifica o contrário, uma vez que nem todas as representações sociais geram estereótipos.

De tal modo, o estereótipo diz respeito a percepções socialmente compartilhadas pelos sujeitos que pertencem a inúmeros grupos; adquire um caráter de rigidez e elevado grau de generalização. Possui um ponto de aplicação normalmente certo, um forte componente afetivo e encontra-se com frequência no alicerce de atitudes de discriminação e exclusão social. Já as representações sociais podem conter todos estes elementos (inclusive os estereótipos sociais), mas, no caso de não envolverem claras categorizações de grupos sociais, podem não sujeitar qualquer forma de estereotipia social, não implicando fenômenos de discriminação social.

Duas perspectivas de análise das representações sociais se abrem enquanto processo. A primeira possui uma perspectiva tradicional em que se estudam inúmeros sujeitos para compreender a diferença; na segunda, estudam-se casos individuais, cujo intuito é o de se buscar, na relação representação-ação, mecanismos cognitivos e afetivos que geram as representações sociais. Neste sentido, todo estudo que envolve representações sociais, privilegia a qualidade dos resultados e não a quantidade de entrevistados, contudo a amostra pesquisada deve ser representativa do universo.

Resultados: as representações sobre Geografia

A partir da pesquisa, foi possível analisar o quanto as representações sociais sobre Geografia apresentam concepções que perpassam os diferentes semestres em que os alunos se encontravam, à época, ao passo que outras se relacionam mais fortemente ao período em que se encontravam no curso.

As representações que fortemente lhes vieram à mente quando foram questionados sobre Geografia podem ser resumidas desta forma: tomando-se as três palavras e/ou expressões mais citadas, observou-se que, nos diferentes semestres, meio ambiente, mapas e mundo apareceram com maior frequência. População, universo e mapas foram os mais citados para os acadêmicos do primeiro semestre. Razões possíveis para estas palavras são encontradas na grade curricular, ou seja, é o momento em que estavam cursando as disciplinas de População e Território - análise demográfica -, mas também Geografia Física - no qual perpassam conteúdos sobre o Universo. Quanto aos mapas, remete ao que mais concretamente lembra a disciplina escolar, isto é, cópias e pinturas dos mesmos.

Observou-se ainda que o semestre no qual se encontravam os acadêmicos ajuda a entender o que primeiramente lhes veio à mente, pois para aqueles do quinto semestre, além das já citadas, apareceu com maior frequência a palavra espaço. É o momento em que no curso estavam estudando Geografia Econômica, Hidrologia e o primeiro estágio.

Região e ambiente foram as principais lembranças para os acadêmicos do sexto semestre, que tiveram espaço geográfico como maior expressão de respostas para o que estuda a Geografia. Este era o momento em que estavam cursando Geografia do Brasil I, Organização do Espaço Mundial I e o segundo estágio (ensino fundamental).

Apesar de nem todos os alunos do curso de Geografia da UCS cursarem todas as disciplinas do semestre, um número considerável deles opta por cursar as disciplinas específicas da geografia, protelando para mais tarde as denominadas núcleo comum das licenciaturas, o que não invalida tal perspectiva de análise que ora está se propondo.

No sétimo semestre, as palavras que mais remeteram à Geografia foi mundo, homem/pessoas, território, política, relações e ambiente. Aqui se tem uma perspectiva mais abrangente, uma possibilidade de inter-relação entre diversos elementos de estudo da ciência geográfica. Mas igualmente é possível de ser pensado o conjunto de disciplinas que estavam cursando, pois o sétimo semestre é um dos poucos da grade curricular em que há apenas disciplinas específicas da Geografia, como Biogeografia, Geografia do Brasil II, Organização do Espaço Mundial II, Sensoriamento Remoto e Geoprocessamento e estão no Estágio III (ensino médio). O corpo de disciplinas deste semestre mescla igualmente disciplinas técnicas com aquelas que analisam o político-econômico e social sobre um dado espaço, o que provavelmente lhes favorece tal perspectiva correlata.

No tocante ao que estuda a Geografia, como respostas mais representativas para os alunos do primeiro semestre, é possível aglutinar por temas, como a sociedade e a natureza e suas interações, além de variáveis:

“Para mim são as relações entre os meios naturais e a sociedade”; “O espaço geográfico”; “O mundo em que vivemos e a sociedade e seus conhecimentos”; “Natureza, o meio em que a gente vive, relações entre o homem e a natureza”; “Estuda o meio onde vivemos”.

Isto reflete o que anteriormente foi mencionado sobre o momento em que se encontravam na grade curricular, pois além da disciplina de Geografia Física, estavam cursando População e Território e Introdução ao Estudo da Geografia, o que ajuda a compreender tais concepções, isto é, a relação entre sociedade e meio. O que não ficou claro, até em virtude de não terem sido questionados a respeito, é sobre qual o papel da sociedade e da natureza mencionada, ou seja, trata-se de uma relação econômica e, portanto, de exploração do meio, ou, seria uma relação ecológica, uma busca pela sustentabilidade.

Para os acadêmicos do quinto semestre, as respostas puderam ser divididas claramente entre aquelas que giraram em torno do espaço e da relação estabelecida entre o homem e o meio, explicável em virtude de já se encontrarem na metade do curso. Contudo, vão ao encontro do que foi expresso pelos acadêmicos mais novos, pelo menos no que diz respeito ao último aspecto. Assim, o espaço foi representado como *“Espaço (construção, clima, vegetação, relevo, paisagens)”*; *“A geografia estuda o espaço, ou seja, tudo o que existe ao nosso redor, os fenômenos naturais em si, o nosso planeta. As pessoas que habitam o espaço”*; *“Espaço e suas transformações”*; *“O espaço em que vivemos. A sociedade”*; *“Geografia estuda o mundo em suas relações bem como as ações do homem na construção do espaço”*.

Trata-se de uma gama de respostas muito vagas, amplas e que muitas vezes nada indicam concretamente. Salienta-se ainda dentro desta temática outra resposta:

Geografia estuda o mundo e o espaço e sua importância para o homem, estuda problemas ambientais, suas possíveis soluções, o clima, a política, a sociedade e suas relações e desavenças. A agricultura, o dinheiro, principalmente movida pelo dinheiro.

Aqui já se observa uma tentativa de delimitar o estudo da ciência geográfica, estabelecendo a relação do nível de importância do mundo e espaço para o homem, isto é, uma relação utilitarista, a problemática ambiental, sua vertente de atuação política e social, bem como sua relação econômica. Analisando mais aprofundadamente esta resposta observa-se que ela inicia e termina pelo viés do capital, uma vez que começa preocupada com a importância que o mundo e o espaço desempenham para o homem, e finda apresentando explicitamente a preocupação com o econômico-financeiro.

Ainda relevante de análise, diz respeito ao representante espaço, pois para o leigo, pode este ser o espaço sideral, ao passo que para os estudiosos da Geografia, espaço apresenta um conceito específico, voltado à produção do mesmo, transformação do natural em geográfico.

A relação entre homem e meio aparece no seguinte bloco de respostas, que remete a já clássica relação entre homem e natureza. As representações presentes foram: *“As relações entre o homem e a natureza, suas atividades no planeta”*; *“A relação homem-natureza. A forma como o homem adapta-se, já se adaptou e vem se adaptando nas diferentes regiões naturais, também tudo o que o homem já transformou no meio”*; *“O homem e suas relações com o meio no qual ele se insere e as atitudes que causam influências e consequências e além disso o meio em toda a sua contextualização”*; *“Geografia estuda as influências do homem no meio em que vive, suas relações, transformações, causas e conseqüências de seus atos em sociedades”*; *“Para mim a disciplina de Geografia estuda as relações que existem entre a sociedade e a natureza, no mundo como um todo”*.

Contudo, o que é possível de se apurar acerca do que acima se explicitou acerca das representações sobre Geografia, no tocante à relação homem-meio, de um modo geral, não foi respondido sobre qual o tipo desta relação, tampouco procuram explicitar se tal relação que mencionam é de exploração, de subjugação, de sustentabilidade, etc.

Uma tentativa mais ampla, agrupando as representações de muitos, aparece expressada nas respostas a seguir, que, de igual forma, são vagas, mas denotam uma tentativa de tornar a Geografia a “ciência do tudo”. Assim, obtiveram-se como respostas *“Relevo, hidrografia, parte relacionada ao urbano e ao rural, clima, países, economia, política, estados e cidades, organização do espaço, universo, vegetação, ou seja, praticamente tudo que nos rodeia e com que convivemos”*⁵; *“O espaço, o clima, a vegetação, a sociedade humana, a natureza”*.

Para os alunos do sexto semestre em diante, curiosamente foi possível condensar as respostas que se deram de forma mais curta, em *“espaço geográfico”*, *“as relações do homem com a natureza e alterações”*, *“homem/natureza”*, e novamente a ideia do *“tudo”* (sic!), tendo aparecido com a mesma frequência de espaço geográfico, o que de certa forma é preocupante considerando o andamento do curso em que se encontram, uma vez que apresentar uma visão tão megalomaniaca, estando tão próximos do final do curso demonstra pouco contato com a teoria geográfica, o que pode denotar pouco interesse pela leitura e pouca apropriação das categorias conceituais principais desta ciência. Estará faltando leitura a estes alunos?

⁵ Grifo da autora.

Estariam eles cansados ou não levando a sério o instrumento a eles aplicado? O que se está desenvolvendo na academia não está sendo absorvido/analísado/refletido pelos acadêmicos? O que aqui se observa é a necessidade de uma análise mais aprofundada deste fenômeno.

Para os acadêmicos do sétimo semestre, no tocante ao que estuda a Geografia, pode-se verificar com maior frequência o estudo do mundo, seguido de relações. Alguns apresentam quais relações seriam estas, outros simplesmente as indicam isoladamente. Ainda apareceu a ideia de ciência mais completa que abarca todas as demais (sic!). Porém, já se delineiam tentativas mais esclarecedoras de explicar o estudo desta ciência, como se pode observar com as respostas *“O mundo em transformação”*; *“Estuda a Terra, ávida, o meio ambiente, as relações que existem no mundo, o porquê delas. Estuda aspectos políticos, físicos, sociais, atuais e os mais relevantes do passado para entender a possível interferência que os mesmos possam ter no mundo atual”*; *“As relações do ser humano com o espaço. Enfim, através da Geografia é possível ler famosas entrelinhas”*.

Aqui, pode-se perceber uma visão mais crítica da Geografia, como aquela possível de nos apresentar uma outra perspectiva de mundo, que não o senso comum, aquele exposto pela mídia, por exemplo.

Apesar de não haver dez semestres no currículo da UCS, dois alunos indicaram o estar cursando, e para o que estuda a Geografia, a representaram como *“[...] o estudo da população, clima, vegetação, relevo e relações entre si”* e *“O mundo como um todo, físico, político, econômico, social”*. Apesar de a primeira privilegiar mais aspectos físicos e a segunda, humanos: em ambas há uma tentativa de integrar a Geografia, o que não significa dizer que tais relações estejam claras no imaginário dos sujeitos, mas denota que há contato com a integralidade da ciência geográfica.

Conclusões

As representações sociais são apontadas por cargas afetivas, as quais não devem ser analisadas como simples epifenômenos. É admissível assegurar que os dados por ora apresentados do significado das representações sociais e a afetividade não se apresentam dissociados no interior da representação. Tais relações, entre o núcleo central e a dimensão afetiva, ainda necessitam ser estudadas; no entanto estes dados, apesar de provisórios, parecem já corroborar a hipótese de que o sistema central e os elementos afetivamente carregados constituem uma estrutura social, cognitiva e afetiva coerente, como foi possível de ser percebido nas respostas que apontam a Geografia como a ciência da visão de mundo, da leitura do obscuro.

O interesse em abarcar o sujeito, agente atuante do e no seu meio, construtor do espaço geográfico, culminou na aproximação com a Psicologia

Social e o conceito de Representação Social, justamente por possibilitar uma melhor compreensão do imaginário social do sujeito acerca de elementos analisados. Contudo, não se pode esquecer que se é fruto do coletivo, pois a essência humana é social, logo, boa parte das concepções, da visão de mundo, é apresentada desde cedo pela família e, no convívio social, nas demais instituições, ao qual se faz parte no decorrer da vida, o que vem ampliar estas concepções. Assim, este olhar interdisciplinar busca compreender a dinâmica da construção conceitual do sujeito através de sua subjetividade, bem como compreender como a materialidade espacial se constitui em conteúdos da consciência e percepções de mundo.

Neste momento, você pode estar se indagando qual relação com o proposto? Veja bem, se o método da associação livre permite que venha à tona uma representação inconsciente de algo e que os arquétipos são símbolos universais, coletivos, logo, quando um acadêmico tem por exemplo universo, mapas, globos como representante(s) para Geografia, ele expressa a representação de muitos leigos em Geografia, e aqui se inclui a mídia não especializada.

Ainda há muito a ser explorado, todavia este breve ensaio serviu para constatar que se o objetivo é adotar o método da associação livre necessita-se manter um maior contato com os entrevistados, inclusive para elucidar elementos que emergiram, bem como identificá-los para em seguida retomar às suas representações, o que remete às duas perspectivas de análise das representações mencionadas neste texto, em que a tradicional estuda muitos sujeitos para melhor compreender as diferenças, e o estudo de casos individuais, vistos como mecanismos cognitivo-afetivos, que geram as representações sociais.

Referências Bibliográficas

BAPTISTA, Maria Manuel. **Estereotipia e representação social - uma abordagem psico-sociológica**, em <http://sweet.ua.pt/~mbaptista/Estereotipia%20enquanto%20forma%20de%20representacao%20social.pdf>, acessado em 16/12/08

BLEICHMAR, N.; BLEICHMAR. C. **A psicanálise depois de Freud**. Teoria e clínica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992, p. 138-169.

CAMPOS, Pedro Humberto Faria; ROUQUETTE, Michel-Louis. *Abordagem estrutural e componente afetivo das Representações Sociais*. **Psicologia: reflexão e crítica**, 2003, 16(3), pp. 435-445.

FARR, Robert M. *Representações sociais: a teoria e sua história*. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1995, p. 31-59.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 3ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1985. (Ensino superior).

FRIEDMAN, Howard S.; SHUSTACK, Miriam W. **Teorias da personalidade: da teoria crítica à pesquisa moderna**. São Paulo: Prentice Hall, 2004, p. 116-122.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência*. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, pp. 169-186, jan./abr. 2004

JODELET, Denise. *Représentations sociales: un domaine en expansion*. In: JODELET, Denise. **Les représentations sociales**. Paris, Presses Universitaires de France, 1989, p. 31-61.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais*. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1995, p. 63-85.

LAPLANCHE, J; PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise**. 4ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 38-40.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O conceito de representação social dentro da sociologia clássica*. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1995, p. 89-111.

MORAES, A.C.R. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: HUCITEC, 1986.

MOSCOVICI, Serge. *Des représentations collectives aux représentations sociales: éléments pour une histoire*. In: JODELET, Denise. **Les représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989, p.62-86.

PELUSO, M. *O potencial das representações sociais para a compreensão interdisciplinar da realidade: Geografia e Psicologia Ambiental*. **Revista Estudos de Psicologia** 2003, 8(2), 321-327.

RANGEL, Mary. *Ensaio sobre aplicações didáticas da Teoria de Representação Social*. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, 10(2): 11-22, 2007.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 2002.